

O PÃO NOSSO DE CADA DIA DAI-NOS HOJE

Publicado a 23 de janeiro de 2012 por Igm

Quando surgiu, no nosso planeta, o instituto jurídico da propriedade, os seres humanos começaram a disputar entre si os objetos de que conseguiam se apropriar, os pedaços de terra que pudessem administrar e, depois de muitos milênios de vivência e experimentação, chegamos à realidade atual, em que as pessoas necessitam de dinheiro para adquirir os bens necessários à própria subsistência material. O egoísmo, remanescente dos instintos mais primitivos ligados à preservação da vida, é o defeito moral que mais diretamente diz respeito à propriedade, pois nos induz a querer mais do que realmente precisamos para a nossa vida.

Em determinados momentos da História, chegamos a justificar a escravidão humana, ou seja, a absurda “propriedade” de um ser humano sobre outro. Aliás, esse “direito” deixou de existir no nosso país há pouco mais de um século, o que representa um “karma” negativo para nós, como coletividade, daí advindo as constantes dificuldades econômicas e sociais por que passamos. Sabe Deus quando conseguiremos, como nação, quitar essa dívida...

Jesus, Mestre da Psicologia Humana, nos aconselhou, no “Pai Nosso”, a pedir ao Pai que nos proporcionasse o pão nosso de cada dia em quantidade justa e suficiente para nossas reais necessidades. O que excede as medidas do justo e do suficiente deve passar a outras mãos, mais carentes que as nossas. Há quem esteja sempre à procura de mais e mais “fontes de renda”... “O pão nosso de cada dia dai-nos hoje”!

O justo é a contraprestação pelo real valor da nossa atividade em termos de benefícios que proporciona. Podem-se pensar em alguns referenciais: por exemplo, um trabalho que beneficia maior número de pessoas pode ser mais bem pago. Todavia, se esse valor vai gerar a escassez para os demais, deve-se-lhe traçar limites.

Quando iniciamos nossa instrução nas escolas do mundo, sob a supervisão dos mestres do Conhecimento material, nossos pais naturalmente imaginam ali o começo da nossa preparação para as futuras profissões da vida adulta. Não é comum alguém estudar simplesmente para conhecer as áreas da Cultura, mas sim como forma de instrução para trabalhar.

Infelizmente, muitos pensam em viver ociosamente, dentre os quais muitos investidores em complicadas aplicações financeiras e os aficionados das loterias, sem compreensão de que o trabalho é uma Lei Divina, pagando caro aqueles que tentam burlá-la.

Infelizmente, grande parte dos que trabalham visa apenas o próprio bem-estar, no máximo atendendo ao sustento da própria família, com o que pensam ter realizado um grande feito, enquanto que Jesus alertou que até os maus assim procedem...

Aprender a medida exata do quanto devemos pleitear e do quanto devemos renunciar é imprescindível para nossa própria evolução espiritual.

O Divino Mestre, querendo gravar na nossa mente uma das Suas Lições Eternas, afirmou não ter uma pedra onde recostar a cabeça.

Não estamos à altura de tal projeto de vida, mas nosso caminho evolutivo exige que iniciemos o trabalho interior de desapego quanto aos bens materiais, contentando-nos com aquilo que seja justo e suficiente. Se a sociedade consumista procura endeusar o dinheiro e sua utilização em banalidades, por outro lado, a Divina Lição nos mostra que a parcimônia é uma regra de bem viver.

Os Espíritos evoluídos, quando encarnados na Terra, demonstram como bem empregar os bens materiais que chegam às suas mãos: proporcionam desenvolvimento intelecto-moral através dos investimentos em estudo e trabalho.

Sigamos esses exemplos, mas, sobretudo, aprofundemos a autoanálise cotidianamente, para verificarmos como temos procedido. Valem as perguntas: – O que temos feito do nosso patrimônio intelectual? Ele tem servido para promover nosso próprio progresso espiritual? Tem utilidade para o desenvolvimento dos que nos cercam?

Se quisermos levar mais adiante a reflexão sobre a expressão “pão nosso”, podemos entender que também diz respeito aos bens espirituais que já adquirimos: – O que temos feito deles? Multiplicam-se em favor das outras pessoas através de boas ações? Investimos no desenvolvimento das nossas virtudes, normalmente ainda incipientes?

Viver simplesmente deixando os dias e as horas se sucederem sem refletir sobre nossa forma de pensar, sentir e agir significa muito pouco, quando, na verdade, o exame de consciência se faz necessário para que a vida tenha sentido, como caminho para a Felicidade.

Se apenas repetimos o “Pai Nosso” mecanicamente, já está passando a hora de começarmos a enxergar nele as questões que podemos tratar no nosso diálogo com Deus.

Luiz Guilherme Marques